

FADA DE PASÁRGADA
FADA DE PASÁRGADA
FADA DE PASÁRGADA

Ana Lúcia de Brandão ¹

RESENHA: ORTHOF, Sylvia. *A fada lá de Pasárgada e Cabidelim, o doce monstinho*. Ilustração: Andrés Sandoval. São Paulo: Edições SM, 2004.

RESUMO: (Resenha) ORTHOF, Sylvia. *A fada lá de Pasárgada e Cabidelim, o doce monstinho*. Ilustração: Andrés Sandoval. São Paulo: Edições SM, 2004.

ABSTRACT: (Review) ORTHOF, Sylvia. *A fada lá de Pasárgada e Cabidelim, o doce monstinho*. Illustration: Andrés Sandoval. São Paulo: Edições SM, 2004.

RESUMEN: (Reseña) ORTHOF, Sylvia. *A fada lá de Pasárgada e Cabidelim, o doce monstinho*. Ilustración: Andrés Sandoval. São Paulo: Edições SM, 2004.

PALAVRAS-CHAVE: resenha, estudos literários, Sylvia Orthof

KEYWORDS: review, literary studies, Sylvia Orthof

PALABRAS CLAVE: reseña, estudios literarios, Sylvia Orthof

Logo no prefácio a autora nos informa que conheceu o poeta Manuel Bandeira, nos seus tempos de atriz. Manoel Bandeira é autor do poema “Vou-me embora para Pasárgada”. Eles conversaram e ele vaticionou que ela viria a ser escritora um dia, algo que se concretizou com muita força, já

1 Escritora e Doutora em Letras pela PUC-SP.

que Orthof publicou 138 livros de Literatura Infantil e Juvenil, entre prosa e poesia. A Fada lá de Pasárgada é uma utopia “desejante” dessa autora de origem austríaca, que sempre se indignou com a falta de direitos humanos, incluindo a escravidão. E sua intenção com essa obra é justamente fazer o leitor imaginar que no panteão de fadas europeias e brancas, certo dia, fará parte dele Fada Poesia, a fada negra brasileira. O poema de Manuel Bandeira que inspirou essa obra, fala de um lugar imaginário no qual o homem é feliz, e a realidade e o sonho são um só. Diz a autora: “Foi assim que imaginei uma fada lá de Pasárgada”.

Vale registrar que essa é a segunda edição dessa obra e que a primeira foi publicada pela editora mineira Miguilim, no ano de 1990, com ilustrações de Tato Gost. No mercado geral de então, era uma “avis rara” dialogando somente com a Coleção Curupira de Joel Rufino dos Santos da Ática e o famoso “Menina Bonita do laço de fita” de Ana Maria Machado, pela Editora Melhoramentos. Nem se pensava ainda em lei de difusão da cultura afro-brasileira nas escolas. Vamos ao texto: inicia-se catalogando os tipos de fadas até que a adversativa “mas” puxa as rimas que virão adiante (pág. 17).

Mas existe uma delas,

uma fada primeira,

Ela é preta, tão preta,

bonita e arteira,

trancinhas durinhas,

pixaim, cabeleira,

é a fada noturna,

talvez brasileira.

Seu nome, já digo,

não digo, direi?

Seu nome, eu diria?

É a fada POESIA,

E a autora continua a introduzir a protagonista, ao dizer:

“Poesia é assim-assado, preta noturna,

Usa tranças, dança nos sambas,

crioula, rebola-bola-carambola!

A fada Poesia tem muitos sobrenomes.

Cada poeta que viaja para o reino de Pasárgada,

Deixa seu sobrenome preso a outros sobrenomes da fada Poesia. De modo, que ela ficou sendo, assim, uma espécie de trem de nomes, apelidos, sobrenomes, pseudônimos: Poesia de Camões Pessoa Bilac Alves Bandeira Drummond...etc, etc. (ORTHOF, 2004, p. 17)

Assim que o narrador resolveu contar porque Poesia é uma fada preta, ela sem pedir licença disse:

Eu sou preta, cor da noite;

Meus olhos são de estrelas;

Tenho boca de cantigas de ninar, nana que nana,
olha o boi da cara preta! Adora fazer careta!

O preto é coisa bonita!

Minha vara de condão é toda feita de fitas
das festanças do sertão,

Eu sou a noite, sou fada, meu lugar é meu caminho
que vai do céu para o chão.

Moro quase no pretinho

da rua que fica longe

no céu do nunca se acaba,

Eu moro ali, em Pasárgada,

eu sou amiga do rei

das histórias encantadas de fadas, que conto e sei!
(ORTHOF, 2004, p. 21)

O leitor então é mergulhado na Pasárgada de Bandeira (pág 22), quando o texto diz:

Enquanto fada Poesia explicava quem ela era, as formigas deram para cantar, e as cigarras resolveram carregar folhas. Os homens lavavam louça e as mulheres liam jornais. Tudo era diferente do que costumava ser, pois a fada tinha poderes, ora! (ORTHOF, 2004, p. 22)

Fada Poesia então cata piolhos na cabeça de uma estrela desgrenhada, quando conheceu o Pio-Olho, um piolho tonto por estar no infinito e não na cabeça de alguém. Diz ele:

“O infinito me dá uma tonteira, uma gastura, uma zoeira nos meus ouvidos de piolho! Acabo me coçando todo por causa da altura, entende? Não nasci para viver além das alturas das cabeças de gente, Me ajuda. HELP! (ORTHOF, 2004)

O narrador então anuncia a chegada da Ninfa Brisa “que tinha fiapos por toda roupa. Seus cabelos eram franjas de cetim. Pio-Olho pulou nos cabelos de Ninfa Brisa. E depois de estremecer, Ninfa Brisa perdeu sua elegância etérea e coçando a cabeça, coçava, coçava e sibilava”. Desesperada com tanta coceira, Ninfa Brisa pede ajuda ao Tio Vento. Ele então ventou por todos os cantos e buracos. E dessa ventania só sobraram três folhas. Uma folha para o leitor inventar um texto. A segunda página em branco que não aceita texto nem ilustrações, de uma lisura total e a terceira é para o leitor deitar e rolar, criar e desenhar. (E as páginas aparecem em branco no livro). E há uma quarta página ZUM ZUM ZUM onde o vento se despede. E, então, depois de tanta invenção vento-inventada, surgiu um anão. Relata o texto:

Aqui, agora, chegou o anão tão grande que não coube no papel! Por isso o ilustrador só desenhou os pés do anão-gigante, chamado Mini-Máximo Albuquerque da Silva Pererêquetê.(ORTHOF, 2004, p. 39)

O narrador então conta ao leitor do quanto Fada Poesia gosta de Mini-Máxi. Mini-Máxi é apaixonadérrimo por Fada Poesia, mas é coisa de paixão escondida, nos avisa finalmente. “Mini-Máxi é um anão na vida, mas aqui na fantasia, é um gigante. Entendeu?” (pág. 39) Mini-Máxi é um anão com um calo

no pé. Ou seja, tem a marca da vida em seu corpo. “Só que o calo é falante”.

Inesperadamente, o Tio Vento retorna a história e comete uma indiscrição: conta a Fada Poesia que Mini-Máxi quer pedi-la em casamento. Fada Poesia pega de surpresa pisca estrelinhas e fica entre o sim, o não ou o talvez. Mini-Máxi chora lágrimas, verdadeira chuva prateada sobre Poesia. Ela ficou totalmente molhada de lágrimas de amor e então respondeu ao pedido com um sim e Mini-Máxi então chorou tanto que encolheu de tamanho e coube na ilustração da página do livro. Diz o texto em caixa alta: TEM GENTE QUE CHORA DE ALEGRIA, /QUANDO ACERTA COM A POESIA.

Na verdade, eles se casaram, Mini-Máxi e Poesia e foram morar em Pasárgada. São vizinhos de um poeta sorridente, meio sendo, com a boca cheia de dentes. Ele mora ali, naquela estrela do céu, que se chama Pasárgada.

Ele mora na estrela,
Toda estrela primeira
que aparece no céu.
Seu nome é Manoel,
poeta Manuel Bandeira.
VOU M'EMBORA! (pra Pasárgada)...Eu agora vou m'embora,
senão começo outra história de gigante e de anão!
Pé com pé,
Mão com mão...
Esta história fica escrita
com a tinta do coração,
com a pena da saudade
que guardei de Manoel.
(...)
Todo livro é um segredo,

Todo encontro é uma história,
Poesia é uma fada,
diz um verso...e vai embora! (ORTHOF, 2004)

Ou seja, a sensibilidade artística que sempre se mesclou a um forte senso de justiça e indignação, tão característicos de Sylvia Orthof, uniram-se nessa narrativa poética fazendo votos para que um dia a cultura brasileira reconheça a sua raiz afro-brasileira e a reverencie como merece a ponto de pô-la em diálogo com um dos nossos maiores poetas que é Manoel Bandeira. Tempos depois da publicação do livro, em um seminário sobre a relação texto e imagem nos livros de Sylvia Orthof, a autora presente comparou o preconceito racial no Brasil com a mácula do nazismo na Alemanha. E o fez no Instituto Goethe, em São Paulo. Esse foi um manifesto vivo de uma artista que anteviu que um dia o Brasil teria de acolher e reconhecer a cultura afro-brasileira como parte de sua identidade cultural. Como toda artista de grande sensibilidade, revelou seu olhar visionário a todos que estiveram presentes. A autora faleceu em 1997, e a crítica literária Fanny Abramovitch, outra personalidade visionária, indicou nova publicação da obra pela recém-chegada naquele momento, Edições Santa Maria. E assim o livro ganhou novos ares nas ilustrações competentes de Andrés Sandoval, que dialogou com o desenho de Sylvia Orthof em outras obras.